



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral de Trabalhos
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa • Telefone 5338 0.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

Ordem! Ordem! O decantado regulamento Ordem!

reclamam eles. E afinal
só nos dão

Desordem! Desordem! Desordem!

São tam variadas e contraditórias as notícias acerca dos últimos acontecimentos que dificilmente poderemos dizer aos nossos leitores quais são as suas causas ou seus fins.

Duma maneira geral vê-se que se trata da habitual trapalhada política. Ambições, despeitos, vaidades, cubicas, tudo isto metido dentro desse pequeno país e agitado de tal forma que produz o que se está vendo — desordem. Mas que pode produzir esta engrenagem social, onde todos os interesses se chocam, senão desordem? Desordem, desordem! E' entre os grandes que ela se produz invariavelmente.

Felicitamo-nos por desta vez não se ter dito que os sindicalistas estão metidos no lodaçal. Não, os sindicalistas tem o bom senso de se não chegar ao atoleiro.

Deixá-las lá na sua tarefa de dissolução. Não façamos sequer um gesto para evitar a prefacção.

O fundo cômico desta tregédia é evidente. Quantas vezes nos tem elas chamado desordeiros?

Quem são os desordeiros afinal? Pois se ele já há quem tenha profissão de revolucionário civil!

Mas para que servem estes movimentos, estas questões, estas revoluções? Há no meio de tudo isto um intuito elevado? Pretende-se executar a vontade do povo?

Aí começamos a compreender: como estão a chegar os parlamentares estrangeiros, resolvem os políticos fazer uma revolução, para que se saiba lá fôr que Portugal existe. Até parece que tudo isto é feito de combinação com a Sociedade de Propaganda de Portugal...

Conferência Inter-parlamentar do Comércio

A Câmara Municipal recebe os de-
legados no próximo dia 27

A Câmara Municipal de Lisboa recebe os delegados à conferência inter-parlamentar do comércio no próximo dia 27, pelas 22 horas, oferecendo-lhes um chã seguido de dança no salão nobre dos Paços do Concelho.

Por ser o domingo o dia consagrado ao descanso semanal dos camaradas que confeccionam A Batalha, não se publica amanhã este jornal.

O MOVIMENTO EM PROL DAS 8 HORAS DE TRABALHO

Em todas as secções sindicais dos operários da Construção Civil realizam-se importantes sessões

No Sindicato Único Metalúrgico protesta-se contra a aceitação de horas suplementares

Os metalúrgicos e as horas de trabalho suplementares

Na sessão do Sindicato Único Metalúrgico em prol do horário das oito horas de trabalho, o secretário geral apostrofou como veementemente todos os operários que, prestando-se a trabalhar as horas suplementares, contribuíram para que os industriais e até o próprio Estado pretendessem, com o célebre projeto de lei, saltar por cima e até mesmo inutilizar o regime das oito horas, atacando os operários do Arsenal do Exército e especialmente os membros da respectiva comissão de melhoramentos, por não só se terem prestado ao convite do director do Arsenal para fazerem duas horas suplementares, como também por terem pedido ao mesmo senhor, pelo telefone, o consentimento para trabalharem mais uma.

Como estivesse presente o arsenalista Cesario de Oliveira e se insurgisse contra o ataque do camarada Raúl Baptista, a assembleia manifestou-se contra aquele camarada, porquanto os operários que se afirmava ser verdadeiro o gesto dos arsenais que estavam trabalhando onze horas, ilibando-se o camarada César de Oliveira dessa responsabilidade por ele não trabalhar as horas suplementares.

O secretário geral da Federação Metalúrgica, Zácaras de Oliveira Pinho, também verberou energicamente os camaradas que se prestam a trabalhar as horas suplementares e em especial os operários do Arsenal do Exército, que usião na dependência do Estado que devia ser o primeiro a respeitar as leis do país, manifestando-se nessa ocasião um áspero diálogo entre o camarada arsenalista que estava presente os camaradas Júlio de Matos e Antônio Peixe, terminando o camarada Zácaras com uma exortação à classe para que ela cumprisse os seus deveres sindicais, a fim de que a Federação possa cumprir a missão de que foi incumbida.

O camarada Peixe diz que quando a burguesia reclama dos operários mais horas de trabalho para maior produção, se responde que o que os operários precisam é de mais dinheiro para se poderem alimentar e suprir os encargos da vida cara, de que apenas são culpados os governantes e os magnates do comércio e da indústria.

O camarada Júlio de Matos, como delegado da classe à C. G. T., corroborou o que todo os camaradas disseram sobre a conduta de alguns arsenalistas,

concernente às horas suplementares, contando o que no último Conselho Federal se passou sobre o assunto, a que assistiu um membro do comissão de melhoramentos do referido Conselho que não refutou as acusações feitas nessa ocasião.

Depois de ter falado o camarada Raúl Baptista e o camarada Jacinto Rufino ter exortado os metalúrgicos a não aceitarem o novo regime de trabalho que se pretende implantar nas oficinas metalúrgicas e que é o processo americano de se premiar ao final da semana o trabalho produzido pelos operários, friz esse que desvalorizaria o salário, devendo por esse motivo banido tal regime assim como as horas suplementares, opinião mantida pelo velho operário José Luís, terminou a sessão depois do secretário geral da Federação ter incitado todos os metalúrgicos presentes a ingressarem no seu Sindicato, os vivas à Federação Metalúrgica, às 8 horas de trabalho, à C. G. T. e à Batalha, à emancipação dos trabalhadores, etc.

Sindicato Único Metalúrgico do Porto

Na assembleia geral de quinta-feira, este sindicato votou o seguinte protesto:

Tendo sido apresentado no senado da república uma lei que tem por fim fazer voltar o proletariado ao antigo regime das 10 horas e considerando que tal é anti-humana e é inspirada nos intuições mais reacionárias e considerando ainda que a jornada normal de trabalho de 8 horas representa uma consequência que o proletariado custou infinitos sacrifícios, o sindicato Único Metalúrgico do Porto, reunido em assembleia geral extraordinária para apreciar o relatório dos delegados ao Congresso de Tomar, lavra o seu mais indignado protesto contra semelhante tentativa.

Operários da Construção Civil

Realizou-se esta secção, com uma extraordinária concorrência, uma sessão magna para tratar do melindroso assunto do horário de trabalho.

Aberta a sessão falaram os camaradas Adriano Pereira Machado, Francisco António Marques e Alexandre Ascas, delegado da F. da C. Civil, que demonstram o perigo que corre o horário

das oito horas, porque apesar do projeto Sousa Varela ter sido retirado, os operários não devem desmarcar, porquanto a classe patronal encontra-se disposta a roubar uma das melhores regalias e portanto necessário se tornar que todos se conservem como sentinelas vigilantes.

Resolveu-se, custe o que custar, manter o horário das oito horas. O parecer do Comité Confederal foi aplaudido pela assembleia, terminando esta bela sessão com vivas ao dia de oito horas de trabalho, à C. G. T. à Batalha, à emancipação dos trabalhadores, etc.

Secção de Belém

Os operários desta secção, apesar de haver um tempo esta parte faltarem as reuniões para que são convocados, compareceram antecipadamente em massa, dando assim mostra de que se arrependem de abandonar a que tem votado a sua secção. A sessão foi imponentíssima, fazendo uso da palavra vários camaradas e entre elas Alberto Dias, preguntando que autorizada moral tem os governantes para nos imporem 10 horas de trabalho quando o país está completamente a saque, sendo maior o número do que é.

Tendo sido apresentado no senado da república uma lei que tem por fim fazer voltar o proletariado ao antigo regime das 10 horas e considerando que tal é anti-humana e é inspirada nos intuições mais reacionárias e considerando ainda que a jornada normal de trabalho de 8 horas representa uma consequência que o proletariado custou infinitos sacrifícios, o sindicato Único Metalúrgico do Porto, reunido em assembleia geral extraordinária para apreciar o relatório dos delegados ao Congresso de Tomar, lavra o seu mais indignado protesto contra semelhante tentativa.

Secção do Alto do Pina

Realizou-se esta secção, com uma extraordinária concorrência, uma sessão magna para tratar do melindroso assunto do horário de trabalho.

Aberta a sessão falaram os camaradas Adriano Pereira Machado, Francisco António Marques e Alexandre Ascas, delegado da F. da C. Civil, que demonstram o perigo que corre o horário

daqueles que nada produzem do que os que trabalham?

Secção de Palma e Arredores

Secundando o apelo feito no manifesto, distribuído pelo Sindicato, reali-
se anteontem uma imponente sessão, achando-se a vasta sala repleta de camaradas, fazendo uso da palavra João Francisco, pela comissão de melhori-
mentos, que protesta energicamente contra a forma inflame como o patronato pretende impor o horário de 10 horas de trabalho, salientando a necessidade dos operários se unirem fortemente a fim de oporem uma

ação energica às infâmias da Confederação Patronal. Seguiram-se-lhes Alvaro Ferreira e Carlos Campos, me-
talúrgico, e José Esteves, pela comissão de melhori-
mentos do Sindicato, que diz que o horário de trabalho na C. Civil foi conquistado à custa do sangue de muitas vítimas, devendo a classe preparar-se para um movimento geral, seguindo assim o esforço da C. G. D.

Esta imponente sessão terminou aos gritos de abajo os traidores e de viva-
os à greve geral para o cumprimento da lei do horário de trabalho.

Batalha de flores

No primeiro domingo
— do mês próximo

Realiza-se no dia 5 do próximo mês de Junho, na Avenida da Liberdade, a batalha de flores organizada pelas juntas de freguesia de Lisboa a favor das casas de beneficência desta cidade, contando com a cooperação da Câmara Municipal e de uma parte da Academia.

Serão distribuídos prémios aos car-
ros ornamentados, constando que será
pedida a cooperação de senhoras da
primeira sociedade.

Operários da Construção Civil

Foram convidados os poetas a escreverem uma quadra alusiva ao acto a Jim de, em «plaque», ser distribuída nesse dia na Avenida.

CONFERENCIAS

Universidade Popular Portuguesa

Continuam hoje as consultas pedagógicas

neste dia instituição, começando às 10 horas.

Às 11 horas é a Hora dos Contos para crianças.

No final haverá sessão cinematográfica.

**Pessoal menor dos Correios e
Telegrafos**

Para tratar das reclamações a apresentar ao governo, reuniu ontem este pessoal em assembleia magna, sob a presidência do camarada Ribeiro da Costa. Falaram os camaradas Vitor Hugo Vital, David Amaro, Agostinho da Silva e Alves Pereira, que salientaram a necessidade de a classe estreitar a sua solidariedade para fazer triunfar as reivindicações formuladas.

David Amaro notificou à assembleia que manifestaram a sua concordância com os trabalhos 11 distritos, discordando, apenas, os guarda-fios de Guimarães e Guarda.

Ventilou-se também a questão dos demitidos em consequência do movimento pró-União Fabril, havendo camaráadas que pretendiam que a estes fosse dada a primazia nas reclamações a apresentar ao governo.

Todos os trabalhos constantes do relatório da comissão de melhoramentos foram, por fim, aprovados por unanimidade.

MAIS UMA BERNARDA POLÍTICA

UM GOLPE DE ESTADO

Os revoltosos reclamam do presidente da República a demissão do governo e a dissolução do parlamento

A resolução do dr. sr. António José de Almeida foi favorável, do que resultou que às 9 horas as tropas que estavam na Rotunda, recolheram aos seus quartéis.

Nos navios de guerra

Perto do meio dia correu a notícia de que qualquer facto de anormal se teria passado a bordo dos nossos navios de guerra. Tendo conhecimento disto dirigiu-se para bordo de um dos barcos o dr. sr. Júlio Martins, a quem anteponhou, à noite, quando se dirigia para casa do presidente da República, um grupo de soldados mandou parar seu automóvel na Rotunda para saber quem era dentro. Respondeu-lhe que era o ministro da instrução e os soldados retorquiram-lhe que fosse, a pé, porque lhe retiraram o automóvel. Um deles teve esta frase:

— Se fôsse o ministro da guerra, mettiamos-lhe uma bala na cabeça.

O que quer a marinha

Uma vez a bordo do cruzador «Vasco da Gama», o sr. Júlio Martins mandou o sinal n.º 9.321 que significa República, dirigindo em seguida uma alocução à guarnição relatando o que com ele se havia passado quando se dirigiu para casa do presidente da República, pedindo-lhe para que não consentisse que se arrependesse de ter demitido, com os seus colegas de gabinete, por um golpe.

Medidas de prevenção

Ao deixar a cruzador «Vasco da Gama» o sr. Júlio Martins dirigiu-se ao seu gabinete no ministério da instrução, acompanhado por alguns oficiais da marinha e do exército e elevado número de sargentos e praças da armada. Ali discorreu explicando os motivos que o levaram a assumir o comando das forças navais, o que fizera para defender o poder executivo.

Pouco depois das 16 horas começaram correndo barcos dum assalto aos ministérios, o que motivou a adoção imediata de medidas de ordem, tendo comparecido no Terreiro do Paço fortes contingentes de cavalaria da guarda republicana, mas até à hora em que guisamos este relato nada ocorreu.

Uma insubordinação sufocada

O capitão António Antunes Guerra, da 5ª companhia do 2.º batalhão, fez uma participação do 2.º sargento Feliciano, que se insubordinou, faltando-lhe ao respeito. Com o referido sargento solidarizaram-se vários colegas, motivo por que foi ordenada uma sindicância, sendo castigados pelo comando, além daquele, o 1.º sargento Marmelada e o 2.º sargento Martins, por terem dado falsas informações aos seus superiores. Estas praças receberam guia de passagem ao exército, por não conviverem ao serviço da G. N. R. Estes mesmos sargentos, quando da saída da bateria de artilleria de Belém, tentaram levar consigo as praças, o que não consegiram, devido à oposição dos oficiais.

O sr. Alvaro de Castro em Santarém?

O sr. ministro da guerra, ao saber do movimento, chegou a dar ordem para que o regimento de infantaria

que ia constitucionalmente organizar novo governo, cessasse desde este momento o comando que assumiu para defender o poder executivo.

Com o resultado de constante e constante, agradado às valentes e heroicas forças navais, o apoio que dispensaram aos podes-
res constituintes e estes sentiu ser que a gloria marinha de guerra portuguesa continuaria sem discórdia e unida na defesa da pátria e da república.

Viva a pátria, viva a república, viva a marinha de guerra portuguesa.

MAIS UMA BERNARDA POLÍTICA

UM GOLPE DE ESTADO

Os revoltosos reclamam do presidente da República a demissão do governo e a dissolução do parlamento

A resolução do dr. sr. António José de Almeida foi favorável, do que resultou que às 9 horas as tropas que estavam na Rotunda, recolheram aos seus

quartéis e que ia constitucionalmente organizar novo governo, cessasse desde este momento o comando que assumiu para defender o poder executivo.

Com o resultado de constante e constante, agradado às valentes e heroicas forças navais, o apoio que dispensaram aos podes-
res constituintes e estes sentiu ser que a gloria marinha de guerra portuguesa continuaria sem discórdia e unida na defesa da pátria e da república.

Viva a pátria, viva a república, viva a marinha de guerra portuguesa.

Medidas de prevenção

Ao deixar a cruzador «Vasco da Gama» o sr. Júlio Martins dirigiu-se ao seu gabinete no ministério da instrução, acompanhado por alguns oficiais da marinha e do exército e elevado número de sargentos e praças da armada. Ali discorreu explicando os motivos que o levaram a assumir o comando das forças navais, o que fizera para defender o poder executivo.

Pouco depois das

